

JORNADAS DE APRENDIZADO: ESCRIVIVÊNCIAS E MEMÓRIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

DILONETE ALCÂNTARA DE OLIVEIRA ¹
GÊNESIS GUIMARÃES SOARES ²

Resumo

A pesquisa, inserida no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), propõe a descrição sobre vivências, desafios e motivações de um estudante da EJA ao ingressar na escola após 40 anos de idade e a percepção da educadora, que também é sua filha. A escritvivência, utilizada como ferramenta metodológica, possibilita a construção de narrativas que revelam as experiências e perspectivas dos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, ao analisar essas narrativas, busca-se compreender a EJA enquanto política pública e sua influência nas práticas pedagógicas e na construção de conhecimento dos estudantes, especialmente daqueles que já possuem toda uma cosmovisão. Os participantes da pesquisa se constituem a partir da relação que se estabelece entre pesquisadora e pesquisado, educadora e educando, filha e pai, relação tecida ao longo da vida e que desemboca aqui neste texto. Este estudo reforça a necessidade de políticas públicas que apoiem e incentivem a Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo suas particularidades e respeitando suas trajetórias de vida.

Palavras-chave: Analfabetismo. Escritvivências. Educação de Jovens e Adultos. Políticas Públicas Educacionais

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da Educação Básica que, sendo um direito de todos, proporciona aos estudantes que não conseguiram completar seus estudos na idade considerada como correta, devido a diversas circunstâncias, a chance de retomar sua escolarização para ampliar seus conhecimentos.

Portanto, é necessário destacarmos que muitos sujeitos abandonam a escola e, em sua maioria, são jovens e adultos que não conseguiram terminar os seus estudos na idade tida como “certa”, por diversos fatores, como a necessidade de trabalhar para ajudar a família (Dias, 2022). A EJA tem grande relevância no país, proporcionando espaços para aquisição de informações, ressignificação e aprimoramento de conhecimentos. Assim, as concepções e propostas de EJA, comprometidas com a formação humana, passam necessariamente por

¹ Pedagoga pela UNEB, Graduanda em Psicologia, Especialista em Psicopedagogia e Neuropsicopedagogia.

² Mestre em Educação (PPGED/UESB); docente no Curso de Psicologia - Centro Universitário de Excelência. genesis.soares@ftc.edu.br.

entender quem são esses sujeitos e que processos pedagógicos deverão ser desenvolvidos para dar conta de suas necessidades e desejos. Nessa visão, a proposta da EJA vai além da área pedagógica, incluindo propostas que validam e agregam suas vivências e experiências trazidas do cotidiano, valorizando seus conhecimentos e expectativas.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) emerge enquanto modalidade de ensino e tem um público diversificado, cada um com seus próprios saberes, que se agregam aos outros na escola. Assim, garantindo o direito a uma aula com metodologia adequada à sua idade e um currículo capaz de desenvolver seus saberes dentro de um processo de ensino e aprendizagem que desperte para o mundo em que vivem, de forma autônoma e construtiva (Dias, 2022).

Diante do contexto histórico, o presente trabalho propõe apresentar narrativas e escrevivências entrelaçadas de dois atores sociais imbricados no cenário da EJA. Sendo o primeiro um pai, estudante da EJA, e a sua filha que foi quem colaborou com o seu processo de alfabetização, após ter se formado e iniciado a carreira docente.

RELATOS METODOLÓGICOS E ESCREVIVÊNCIAS

O presente trabalho estruturou-se a partir de relatos *escrevivenciados* de um diálogo informal com um estudante da EJA, de 72 anos, do município de Ibicoara-BA. Nesse diálogo, conduzido por meio de perguntas direcionadas, abordou-se a trajetória de vida e experiências do estudante e suas perspectivas de si enquanto, educando, pai e trabalhador. Para além disso, também emergem as escrevivências da filha e educadora do município, que participou do processo de alfabetização de seu pai/educando e nesse texto se encontra na intersecção entre pesquisadora e pesquisada através das próprias escrevivências.

A escrevivência, conceito cunhado por Conceição Evaristo (2014), refere-se à escrita que emerge das vivências cotidianas dos sujeitos, especialmente daqueles marginalizados pela sociedade. É uma forma de registrar a história individual e coletiva, dando voz às experiências que muitas vezes são silenciadas. A autora destaca a importância de contar histórias que emergem das experiências vividas, pois elas revelam aspectos profundos da realidade social e cultural dos indivíduos.

Nesse sentido, é válido destacar que o texto em questão não possui uma preocupação em enfatizar marcos teóricos que permitam a discussão da vida de um sujeito de modo “mais científico”. No caso em questão, estamos a apresentar relatos que podem ser teorizados, mas que, por uma questão delimitativa, não o serão neste texto em específico, tornando-se semelhante a uma pesquisa exploratória, isso pois, de acordo com Sampieri, Collado e Lucio

(2013) “os estudos exploratórios servem para preparar o terreno e normalmente antecedem as pesquisas com alcances descritivos, correlacionais ou explicativos”.

Por meio das narrativas, temos como objetivo conhecer a história de vida de um estudante da EJA e seus momentos no processo de escolarização, visto que, devido a questões de saúde, econômica e social, permaneceu na escola até o 4º ano, desistindo após o agravamento e fragilidade da saúde.

É importante ressaltar que as narrativas apresentadas neste estudo são fruto de um processo colaborativo de interpretação e rescrita, que transcende os papéis tradicionais de pesquisador e pesquisado. A relação entre a pesquisadora e o participante, que se configura também como uma relação familiar (filha e pai), possibilitou um diálogo profundo e íntimo, onde as memórias foram compartilhadas e reconstruídas em conjunto. Desse modo, as histórias aqui contadas são o resultado de um processo de co-criação, no qual as vozes de ambos os sujeitos se entrelaçam e se complementam.

Por esse motivo, o texto foi estruturado de forma a apresentar uma narrativa *escrivida* das experiências e memórias dos envolvidos, organizando-se através dos períodos da vida do educando, que engloba o analfabetismo, expectativas, o MOBREAL, o período da Alfabetização Solidária e finalmente a modalidade de ensino da EJA. Por fim, emerge também as narrativas da pesquisadora e educadora que participou do processo de alfabetização do próprio pai.

O ANALFABETISMO

Aos 72 anos, o educando relata emocionado sua trajetória de vida antes de adentrar à escola. Seus pais faleceram cedo, viviam em condições precárias e, aos 8 anos, precisou trabalhar para ajudar o irmão no sustento da família. Não teve oportunidade de estudar porque morava na zona rural e não tinha condições de sair para estudar na cidade. Responsável e cuidando das irmãs, com a ajuda dos vizinhos, foram crescendo trabalhando para os fazendeiros da região. Não havia professores por perto e ninguém que pudesse ensiná-lo. Sempre teve sonhos, por isso, aos 18 anos de idade, foi tentar a vida em São Paulo. Sua estadia por lá durou quase 10 anos; nesse percurso, trabalhou em obras e construções, onde alguns poucos colegas que sabiam ler e escrever lhe ensinavam as noções de horas e de “contagem de dinheiro”. Retornou à Bahia para mesma cidade em que residia antes de ir para São Paulo para se casar e recomeçar sua vida no campo.

Essa trajetória pode ser compreendida à luz das discussões sobre memória que segundo Halbwachs (2024), a memória coletiva é construída a partir das interações sociais e das

experiências vividas em comunidade, o que se reflete na narrativa do estudante ao recordar os desafios e as ajudas recebidas ao longo de sua vida.

EXPECTATIVAS DO PRIMEIRO DIA DE AULA

A expectativa era imensa. Após os 40 anos, surgiu a oportunidade de entrar na escola, pois queria aprender a assinar o nome, que até então fazia com o polegar usando tinta. Na fazenda onde moravam, comentava-se que todos deveriam prestigiar a professora da região e realizar o sonho de aprender a ler e escrever. No primeiro dia de aula, muitos adultos da vizinhança, quase todos analfabetos, compareceram. A filha de um senhor analfabeto do povoado, que escreve de maneira autobiográfica, conseguiu estudar, se formou e com orgulho foi dar aula do antigo Mobral no povoado. A escola era na casa do pai dela, e toda a comunidade não alfabetizada foi informada. A expectativa de um novo recomeço era grande; todos compartilhavam memórias similares sobre o analfabetismo e o sonho de estudar. A aula ocorria no período noturno, muitos cansados da labuta diária, mas com uma força de vontade intensa e alegria de rever os colegas e serem alfabetizados juntos. Aprender a ler e escrever era um sonho que carregavam desde a infância.

DURANTE O MOBREAL

A vida era muito complicada e estudar era um sacrifício. Havia uma cartilha que ensinava o “abecedário³” para que pudessem passar para o próximo passo; só avançavam para a série seguinte se conseguissem escrever uma cartinha. Apesar disso, foram poucos meses, uma vez que a professora precisou retornar para a cidade e com isso a turma findou-se. Como residia na zona rural, não foi possível estudar na área urbana, uma vez que o município ainda não disponibilizava transporte escolar. Esse período reflete as dificuldades enfrentadas pelo estudante em conciliar a educação com as responsabilidades diárias, um tema explorado por Evaristo (2014) em suas escrituras, que destacam a luta e resistência dos indivíduos em contextos adversos.

O RETORNO NA ALFABETIZAÇÃO SOLIDÁRIA

Os anos se passaram e após cerca de 10 anos o estudante se mudou para a zona urbana da cidade de Ibicoara, mais uma vez o sonho voltou a se tornar realidade, afinal iria aprender a

³ O abecedário no MOBREAL era utilizado de forma prática e contextualizada. A ideia era conectar as letras às experiências do dia a dia dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo.

ler e escrever. Segundo ele foram dois anos de motivação e alegria, aprendeu a silabar e ler pequenas palavras, além das “continhas” que fazia mentalmente, por dominar a arte da “contagem” e a professora o ajudava na escrita. Ele destaca que em todo “tempinho” que tinha em casa, pegava os livros e cadernos para aprimorar ainda mais o que sabia. Infelizmente, a esposa adoeceu e teve que se afastar da escola para ficar com ela. Conseguiu fazer a 1ª série e a 2ª série com luta e obstáculos. Saiu lendo pouco, mas já conseguia identificar sílabas e palavras de acordo a complexidade da palavra não conseguia sozinho. Assim ficando mais alguns anos fora da escola.

NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Retornou para a escola já adulto, por volta dos 60 anos de idade. Nesse período já havia se casado pela segunda vez e não teve mais filhos. A filha mais velha aprendeu e o incentivou a voltar a estudar. A escola era um pouco distante, mas teve a ajuda da filha para acompanhá-lo no processo de ensino-aprendizagem. Suas expectativas não mudaram, com grande determinação, força de vontade e alegria, sentia-se realizado quando estava em sala de aula, pois a professora era atenciosa e muito dedicada. Realizou trabalhos, teve algumas dificuldades, mas a professora o apoiou para continuar. Não conseguiu concluir o 4º ano, mas lembra com saudade do tempo que esteve na escola, de quando se preparava para as aulas, as conversas na sala de aula e as amizades conquistadas. O que o deixou mais feliz foi quando conseguiu ler um bilhete. Para ele, conseguir escrever o próprio nome foi muito significativo.

TRAJETÓRIA DE VIDA: ORGULHO DE SER FILHA E PROFESSORA

Como professora e filha do participante deste texto, sinto imenso orgulho por ter acompanhado de perto sua jornada escolar. Embora não pudesse nos ajudar diretamente com as atividades escolares, ele nos motivava contando histórias de suas vivências e experiências diárias, reforçando o valor do conhecimento. Lembro-me da alegria que sentia ao vê-lo se preparando para ir à escola. Mesmo cansado, ele se esforçava, afirmando que sua mente já não acompanhava como antes, mas sua determinação nunca falhava. Apesar das inúmeras dificuldades, ele frequentava a escola com coragem e perseverança. A vida me deu a oportunidade de lecionar na EJA e o privilégio de ser professora do meu próprio pai. Acompanhar um verdadeiro guerreiro em seu grande sonho de “ler e escrever” foi uma experiência gratificante e repleta de orgulho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das escrevivências de um estudante da EJA de Ibicoara – BA, sua alfabetizadora e também filha, revela a importância da educação como um direito fundamental e uma ferramenta de inclusão social. As experiências de vida dos estudantes da EJA, muitas vezes marcadas por desafios e superações, destacam a necessidade de políticas públicas que apoiem e valorizem a EJA, promovendo uma educação significativa e transformadora.

Posto isso, destacamos que a história de vida do educando, que aos 72 anos ainda busca aprender e se desenvolver socialmente, é um exemplo de resistência e determinação, evidenciando que nunca é tarde para aprender e que a educação é um direito de todos, independentemente da idade.

REFERÊNCIAS

DIAS, Gilson Cleimar Nunes. **A importância da Educação de Jovens e Adultos, como forma de construir autonomia a partir do olhar de Paulo Freire, e análise de documentos oficiais.** Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Cruz Alta, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2307> Acesso em 26 de junho de 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água.** Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA.** Curitiba: Editora antoniofontoura, 2024.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa.** 5ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.